

# COINTER PDVL 2023

X CONGRESSO INTERNACIONAL DAS LICENCIATURAS  
Edição Presencial Recife (PE)| 29, 30 de nov a 1 de dez  
ISSN: 2358-9728 | PREFIXO DOI: 10.31692/2358-9728

**METODOLOGIAS ATIVAS COMO COOPERADORA PARA O FIM DO  
PRECONCEITO LINGUÍSTICO: O USO DO LAPBOOK**

**METODOLOGÍAS ACTIVAS COMO COOPERADORA PARA ACABAR CON LOS  
PREJUICIOS LINGÜÍSTICOS: EL USO DEL LAPBOOK**

**ACTIVE METHODOLOGIES AS A COOPERATOR TO END LINGUISTIC  
PREJUDICES: THE USE OF THE LAPBOOK**

Kácio Luaan da Cruz

[DOI:https://doi.org/10.31692/2526-7701.XCOINTERPDVL.0982](https://doi.org/10.31692/2526-7701.XCOINTERPDVL.0982)

## **RESUMO**

Os estudos mostraram mais uma vez que a língua não é estática, embora regularizada, ela não deixa de variar em seus contextos históricos, regionais e situacionais, pelo contrário, se transforma ao passo que a sociedade muda independente das sociedades, este fenômeno é dinâmico, universal e gradual. Todo este “mito” de que existe um certo ou errado se dá há muitos anos, desde a Grécia Antiga e sua divisão no conservadorismo de “bom uso da língua” e corrupção da língua escrita, colocando em um patamar de nobreza e pureza os clássicos escritos e escritores-resultando privilégios a apenas uma parcela da população, excluindo de fato os falantes de tal Língua. Por ser uma ciência, a sociolinguística, ou linguística moderna, resulta em um estudo mais aprofundado dos fenômenos das falas em relação à escrita devido ao fato de que há maior abrangência a todas as sociedades civis a inerência do falar, ou seja, todas em seus modos sabem falar, mas nem todas sabem escrever. Observando tal situação, isso é comprovado no Brasil, apesar de uma população grande, poucas pessoas são escolarizadas e a maioria não utiliza a norma culta em seus contextos situacionais. É preciso fazer um recorte quanto ao uso da língua - é inerente ao ser humano a partir dos 2 anos de idade situações como(dizer como a criança fala), pois esta se comunica (compreende) emite e é receptora sem preocupação com regras gramaticais ensinadas para contextos formais, já para a escrita precisa

de uma série de etapas como as fases pré-silábica e silábica o que evidencia a naturalização e o uso da fala pelo ser humano do que escrita, já que esta precisa de uma série de regras normativas para se chegar (quero dizer um bom falante da língua, aquele que sabe falar nos três modos verbais). Outro ponto discutido foi sobre a homogeneização da língua no que concerne a igualdade de toda comunidade falar de um mesmo jeito, o que não é verdade, há variantes que não são consideradas pela gramática normativa, a qual exige um padrão, mas para a sociolinguística este fenômeno deve ser levado em consideração

**Palavras-Chave:** Variação Linguística, Preconceito Linguístico, Metodologias Ativas

## RESUMEN

Los estudios han demostrado una vez más que el lenguaje no es estático, aunque regularizado, no deja de variar en sus contextos históricos, regionales y situacionales, por el contrario, se transforma a medida que la sociedad cambia independientemente de las sociedades, este fenómeno es dinámico, universal y gradual. . Todo este “mito” de que existe el bien y el mal viene vigente desde hace muchos años, desde la Antigua Grecia y su división entre conservadurismo del “buen uso del lenguaje” y corrupción del lenguaje escrito, colocando a los clásicos en un nivel de nobleza y pureza, escritos y escritores- dando como resultado privilegios sólo para una porción de la población, excluyendo efectivamente a los hablantes de esa lengua. Por ser una ciencia, la sociolingüística o lingüística moderna, resulta en un estudio más profundo de los fenómenos del habla en relación con la escritura debido a que la inherencia del habla tiene mayor cobertura en todas las sociedades civiles, es decir, en todas. a su manera saben hablar, pero no todos saben escribir. Observando esta situación, esto se comprueba en Brasil, a pesar de una gran población, sólo (insertar número) según el IBGE, sólo (insertar número) tienen educación y la mayoría no utiliza la norma educada en sus contextos situacionales. Es necesario considerar el uso del lenguaje - situaciones como (decir cómo habla el niño) son inherentes al ser humano desde los 2 años, ya que está comunicando (comprendiendo, emitiendo y recibiendo) sin preocuparse por las reglas gramaticales enseñadas para contextos formales, mientras que la escritura requiere de una serie de pasos como las fases presilábicas y silábicas, lo que resalta la naturalización y uso del habla por parte del ser humano más que la escritura, pues requiere de una serie de reglas normativas para alcanzar (me refiero



a un buen orador). de la lengua, aquel que sabe hablar en los tres modos verbales). Otro punto discutido fue sobre la homogeneización de la lengua en términos de la igualdad de toda comunidad que habla de la misma manera, lo cual no es cierto, hay variantes que no son consideradas por la gramática normativa, lo cual requiere un estándar, pero para la sociolingüística esto Hay que tener en cuenta el fenómeno

**Palabras clave:** variación lingüística, prejuicio lingüístico, metodologías activas.

## ABSTRACT

Studies have shown once again that language is not static, although regularized, it does not fail to vary in its historical, regional and situational contexts, on the contrary, it transforms as society changes independently of societies, this phenomenon is dynamic, universal and gradual. This whole “myth” that there is a right or wrong has been going on for many years, since Ancient Greece and its division into conservatism of “good use of language” and corruption of written language, placing the classics on a level of nobility and purity. writings and writers- resulting in privileges for only a portion of the population, effectively excluding speakers of that language. As it is a science, sociolinguistics, or modern linguistics, results in a more in-depth study of the phenomena of speech in relation to writing due to the fact that the inherence of speech has greater coverage of all civil societies, that is, all in their ways They know how to speak, but not all of them know how to write. Observing this situation, this is proven in Brazil, despite a large population, only (insert number) according to IBGE, only (insert number) are educated and the majority do not use the educated norm in their situational contexts. It is necessary to consider the use of language - situations such as (saying how the child speaks) are inherent to human beings from the age of 2, as they are communicating (understanding), emitting and receiving) without worrying about grammatical rules taught for formal contexts, while writing requires a series of steps such as pre-syllabic and syllabic phases, which highlights the naturalization and use of speech by human beings rather than writing, as it requires a series of normative rules to reach (I mean a good speaker of the language, one who knows how to speak in the three verbal modes). Another point discussed was about the homogenization of the language in terms of the equality of every community speaking in the same way, which is not true, there are variants that are not considered by normative grammar



m, which requires a standard, but for sociolinguistics This phenomenon must be taken into account

**Keywords:** Linguistic Variation, Linguistic Prejudice, Active Methodologies

## INTRODUÇÃO

A escola apesar de precisar melhorar para acompanhar as evoluções sociais ela é necessária e vem mudando no decorrer do tempo. A educação, no contexto escolar, tem o objetivo de fomentar práticas e ações que levem o ser humano a desenvolver-se (cognitivamente e socialmente) além de, transformar seu espaço. Por ser uma prática social, está em constantes interferências e mudanças, o que gera reflexão, levando o agente ativo do processo(aluno) a reconhecer e instaurar seus valores (DIAS; RAMOS, 2022).

O objetivo deste trabalho foi estudar as variantes linguísticas a fim de erradicar o preconceito linguístico existente e recorrente dentro da sala de aula, além de promover multiplicadores no assunto, os educandos, a fim de atenuar tais situações dentro e fora do contexto escolar.

Para isto, foram observados que mesmo depois de lutas pelas pautas dos direitos humanos em um sentido mais amplo, lugares como a sala de aula que refletem a realidade social por ter indivíduos, ainda permeavam os vários tipos de preconceito, sobretudo o linguístico, alunos corrigindo e excluindo outros pelo modo de falar, piadas sobre os dialetos próprios dos lugares, a palavra “erro” em tal modo de dizer a mesma ação com outras palavras. Para tanto, foi necessária “a problematização” como pontuam Salles e Silva (2008):

Nas escolas, os adolescentes e jovens interagem com outros, adolescentes e jovens, que são diferentes deles ou de seu grupo de referência em função, entre outros aspectos, da cor, da sexualidade, da nacionalidade, do corpo, da classe socioeconômica. No espaço escolar essa interação com o diferente, quando não é problematizada, se dá por meio de relações interpessoais pautadas por conflitos, confrontos e violência. SALLES E SILVA (2008, p. 150)

O que resultou na intervenção e foi na aula de Língua Portuguesa que isto aconteceu. O foco do estudo aconteceu em uma escola técnica estadual de Pernambuco, durante os meses de fevereiro, março e abril, período de adaptação dos novos alunos, já que foi nas turmas de 1º anos do Ensino médio. Ainda é necessário pontuar que a escola recebe alunos de Barra de Guabiraba, Camocim de São Félix, Cortês e São Joaquim, além de Bonito e sabe-se que



comportamentos, culturas e dialetos são trazidos e compartilhados entre si, era necessário que algo fosse feito.

Após tais observações, analisando o currículo de Pernambuco, pág. 68, na parte de competências específicas de linguagem e suas tecnologias para o ensino médio, a competência 2, afirma:

“Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.” (CURRÍCULO DE PERNAMBUCO, 2021, pág. 96)

Tal competência procura examinar e sanar, bem como preparar o educando para um mundo plural, que estes respeitem os diferentes e não pratiquem quaisquer preconceitos. Também, na competência 4, fala especificamente a nossa abordagem e o nosso problema que é o enfrentamento do preconceito, identificado na sondagem:

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza. (CURRÍCULO DE PERNAMBUCO, 2021, pág. 96)

Com a necessidade de interferência na prática do preconceito linguístico e baseando no documento norteador, o currículo de Pernambuco, foi pensado e proposto o projeto: “Lapbook da diversidade linguística”, que consistiu em uma metodologia ativa, que usou da ABP (aprendizagem baseada em Problemas); o lapbook é um livro criado(colado), (caracterizado) pelo próprio educando, com ludicidade e criatividade, após o assunto estudado. Este método de apresentação foge do convencional cartaz.

Durante o percurso, foram estudados em sala por meio da sala de aula invertida explanação oral e brincadeiras conceitos como fala, gírias, língua, linguagem, Jargões, cultura, colonização, aspectos primordiais para entender o fenômeno da variação das línguas de um lugar. Além da leitura em casa e coletiva em sala do livro de Marcos Bagno: Preconceito Linguístico.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A escola mudou e com ela a forma como o professor deve ensinar também, historicamente, a escola foi estereotipada a uma prisão, manicômio como afirma foucolt, por



conter regras, normas e controles, para ele, a escola formava pessoas cativas ao sistema político hegemônico da sociedade ocidental. Porém, ignorou a luta pela democratização da escola para todas as pessoas, ideia defendida desde a revolução Francesa à atualidade.

Em um contexto onde o aluno não é mais passível do conhecimento, é necessário pensar formas que prendam a atenção do educando a fim de obter resultados positivos no conhecimento e mudança de atitudes opressoras, nesse sentido Paulo Freire defende uma educação em que é pautada no entendimento da pedagogia libertadora – em que torna o sujeito crítico e consciente de suas ações e vivências de oprimido/opressor.

Já no princípio de mudança de postura frente à aprendizagem ativa, a BNCC (BRASIL, 2018), documento que prevê as diretrizes para a aprendizagem básicas dos educandos brasileiros na educação básica, aborda a necessidade de transformar habilidades hegemônicas e atuais para que os educandos atinham habilidades para sobreviver na sociedade atual. Quesitos de criatividade, reflexão, análise crítica, cooperativos e tecnologias da comunicação e informação são algumas das competências gerais esperados da BNCC.

Por existir necessidades que exijam soluções precisas e reais no processo de ensino aprendizagem, o que deixou a prática passiva do aprender (modelo privilegiado em muitos centros educacionais), dando espaço à autossuficiência dos aprendizes, ou melhor: as metodologias ativas. Embora que como afirma Abreu (2009) tais práticas não são novas, há documentos que indiciam na obra Emílio de Jean Jacques Rousseau(1712-1778), a primeira abordagem de sobre filosofia e educação do ocidente, onde evidencia a experiência em oposição à teoria.

A sala de aula é um lugar diverso, que a todo o momento vivencia a transformação do mundo. Assim, pensar no universo da escola é pensar formas e soluções para uma sociedade mais justa e igualitária. Sendo assim, a língua por ser objeto de comunicação, esta sofre mudanças significativas. Por ser viva e utilizada por falantes de um mesmo lugar, mas com vários modos e formas de se dizer uma mesma palavra, necessita-se que os educandos entendam o fenômeno das variações linguísticas para diminuir qualquer tipo de preconceito, sobretudo, do linguístico.

Porém, há uma norma privilegiada e que para vários defensores da norma culta, esta deve ser a mais utilizada pelos falantes da língua portuguesa pois o ensino acontece desde de



que a criança, desde o processo de alfabetização, precisa utilizar “o correto” sempre e em todos os lugares. Isto precisa ser discutido e diminuído, segundo Ramos (2011) deve-se combater a ideia que muitos ainda persistem em defender de que, o português falado no Brasil, uma “língua uniforme”. Essa uniformidade é confirmada por vários escritores, historiadores e, principalmente, os gramáticos tradicionalistas.

As variantes existem e serão utilizadas, pois a língua materna (de forma oral) isto explica o que Moraes, 2005 aborda: “Falar a língua materna é uma competência que qualquer ser humano tem”, é mais falada e utilizada que a norma padrão, já que o indivíduo aprende antes de tudo a falar (experiências linguísticas), se comunicar em seus contextos, é democrática, e a norma não. Aqui, abordo a questão das variantes, não que a norma é errada ou que deverá ser esquecida, trato-a como mais uma forma e não como a exceção.

Sobre as variantes linguísticas, seguindo a definição de Costa:

Etimologicamente, o termo variação vem do latim “variacione”, significando variedade, ato ou efeito de variar (se). Variar por sua vez significa tornar vário ou diverso, alterar, mudar. No dicionário do Câmara Jr. (1981 p. 239), variação é “consequência da propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso”. Nesse sentido é que se define variação linguística como o fenômeno que envolve múltiplos e concomitantes usos de formas com o mesmo significado linguístico, marcado por diferentes significados sociais, segundo o contexto em que ocorrem. (COSTA 2012, p.5)

É necessário entender o Brasil e sua territorialidade que é extensiva, sua história de colonizações e influencias culturais o que resulta nas variantes e que se permeiam pela forma regional/geográfica, histórico, social e situacional, e que nenhuma é maior ou melhor que a outra, mas que há o seu uso adequado ao contexto situacional.

Mesmo com a diversidade linguística, há um termo em que precisamos abolir de nossas vivencias que é o preconceito linguístico, como afirma Bagno (2014), em seu livro A língua de Eulália:

Ela representa no imaginário coletivo, a língua supostamente falada pelas camadas sociais de prestígio, que detêm o poder econômico e político no país. Essas classes privilegiadas veem na norma-padrão conservadora um elemento precioso de sua própria identidade, a maneira de falar marca uma diferença (e até uma rejeição) em relação à língua da plebe, da refameia, à língua “vulgar”... (BAGNO, 2014, p.172).



Isto mostra que ao padronizarmos a língua, fazemos separação das camadas sociais, e que contribuímos com o preconceito linguístico, pois tal padronização faz com que haja uma conversação, já que há preservação e perpetuação deste.

Para tanto, como exposto, é preciso buscar caminhos para a diminuição do preconceito, sobretudo o linguístico, neste trabalho foi pensado na metodologia ativa, segundo Tynyälä (1999 apud RIBEIRO, 2008) a ABP (aprendizagem baseada em problemas) que permite satisfazer uma formação que integre teoria à prática, promovendo o domínio do conhecimento específico e o desenvolvimento de habilidades e atitudes profissionais e cidadãs, que tem como objetivo a maior participação do aluno e que o professor foi apenas um tutor, pois orientou e conduziu os educandos na solução/diminuição do problema, pois, acredita-se que a partir do estudo, o conhecimento traz luz ao problema, e por conseguinte, a resolução. “O ensino e aprendizagem dos conhecimentos elaborados e em elaboração pela ciência, pela filosofia e pelas artes são recursos fundamentais para a ampliação da consciência” (LUCKESI, 2011, p.55).

## **METODOLOGIA**

Este resumo expandido está baseado na pesquisa qualitativa, com foco em estudo de caso, para Mayring (2002) quanto Flick e cols. (2000) consideram o estudo de caso como o ponto de partida ou elemento essencial da pesquisa qualitativa, ainda Mayring quanto Flick e cols. (2000) abordam que o ponto de partida de um estudo seja centrado num problema, o qual foi, pois avaliou o problema do preconceito linguístico, fenômeno social, dentro da sala de aula.

Durante as 5 primeiras semanas do corrente ano, foram analisados posturas, comportamentos e ações dos educandos, bem como a bagagem de conhecimento, para isto, chama-se de avaliação diagnóstica, pois foi com ela que extraímos dados importantes para saber como pontuar tais problemas para então tomar caminhos de solução. Segundo a autora, com a avaliação diagnóstica:

Investigar seriamente o que os alunos “ainda” não compreenderam, o que “ainda” não produziram, o que “ainda” necessitam de maior atenção e orientação [...] enfim, localizar cada estudante em seu momento e trajetos percorridos, alterando-se radicalmente o enfoque avaliativo e as “práticas de recuperação”. (HOFFMANN, 2008, p. 68)



Após a avaliação, foi mostrado em meio à roda de conversa sobre o livro: “preconceito linguístico”, discutido sobre a temática, o porquê que estudaríamos, falamos sobre o vida e obras do autor com o uso do Datashow. Por conseguinte, levei-os à biblioteca (4 salas, uma por vez, durante 1 dia, 2 aulas), pois esta contava com o número significativo de exemplares para grupos de 5 pessoas, totalizando 40.

Fizemos um momento de partilha das páginas 11 a 13, que abordam a homenagem da capa do livro, bem como inicia a mitologia do preconceito linguístico. As páginas 11 e 12 foram escolhidas por revelar seu desejo de homenagear pessoas populares, que jamais ganhariam notoriedade e é um retrato vivo do preconceito, como Bagno afirma: “prato cheio” para alguns dos preconceitos mais vigorosos da nossa sociedade: negros, nordestinos, pobres, analfabetos. O objetivo com tal experiência era questionar quais pessoas eles conheciam que tinham estas características, pedi-lhes que detalhassem os seus vizinhos, parentes e amigos.

O foram repassados nos grupos de *whatsapp* a cópia do livro, para estes lerem em casa, fazerem as anotações pertinentes sobre o assunto estudado. Foi dado um prazo de 3 semanas para a leitura de todos dos 8 mitos linguísticos, além da divisão do 8 grupos com 5 participantes, cada qual deveria estudar o seu mito sorteado e explaná-lo, foi utilizada a metodologia de sala de aula invertida que consistiu na leitura, estudo em casa e debate em sala de aula: O conceito básico de inversão da sala de aula é fazer em casa o que era feito em aula, por exemplo, assistir palestras e, em aula, o trabalho que era feito em casa, ou seja, resolver problemas (BERGMANN; SAMS, 2012).

Na quarta semana foi feito o jogo da pescaria com trechos e frases do livro que continham as variantes linguísticas e do livro lido, que também serviu como revisão do conteúdo, além que as frases em que contivessem preconceito linguístico eles deveriam interferir e trazer a solução.

Nas quinta, sexta e sétima semanas foram estudadas as formações geográficas das 5 macros regiões, o processo colonizador de cada lugar, as culturas dos povos brasileiros, as danças, as religiões de cada lugar com o intuito de comprovar a influência da cultura de um povo em sua língua, isto aconteceu por meio da pesquisa bibliográfica, para Fonseca (2002), é realizada

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.



Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. como forma deles conhecerem suas origens, mas também, saber que a língua recebe influencia e influencia tais lugares[...] (FONSECA, 2002, p. 32).

Na oitava semana, como proposta metodológica foi feito um bingo com gírias, sotaques e dialetos particulares de cada lugar. Foram trazidas palavras conhecidas e não conhecidas, escritas no quadro branco, os alunos deveriam escolher 9 palavras, explicadas pelo professor cada uma (seu significado), sorteadas e quem completasse sua “cartela” ganhava um chocolate.

Após, como forma de conclusão da pesquisa, foi proposto como parte da nota e finalização do percurso estudado, o projeto “*lapbook* da diversidade linguística”, a culminância se deu cada qual em seu horário, no auditório da escola, os grupos foram separados por macrorregiões que deveriam pesquisar, detalhar, explanar e aplicar por meio da criatividade suas colagens com a história da colonização da região, festas e danças culturais, pontos turísticos, comidas típicas e gírias e sotaques específicos de cada região.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao se deparar com a sala de aula composta de sujeitos diferentes e com comportamentos que preocupavam, foi necessário que algo pudesse ser feito, tal trabalho se propôs a pensar caminhos para a solução e o fim do preconceito linguístico. Assim, com o uso das metodologias ativas, conseguiu-se prender a atenção dos educandos com um livro que foi de fácil leitura sobre um assunto complexo.

Este trabalho, conseguiu elencar contextos e situações pontuais no dia a dia dos educandos, bem como mostrou que é necessário falarmos sobre essas variantes com o objetivo de diminuirmos quaisquer exclusões. Que o preconceito linguístico existe, que praticamos diariamente, mas que por meio do conhecimento conseguimos diminuir e saná-lo, que não há um falar melhor ou mais bonito, que a língua recebe influências diversas e que por isso não há um padrão ideal para se falar, há contextos que exigem mais ou menos formalidades.

Na avaliação diagnóstica os pontos de correções orais e constrangedoras eram comuns entre eles. Repetição de sons e dialetos para inferiorizar o outro também. Piadas de cunho xenofóbicos eram comuns na sala, o que se levou a mudança postural e pontual por parte do professor e de alguns alunos que não pactuavam com tais prática; a forma em que o professor



conduziu não foi apenas com falas e correções, mas foram usadas metodologias ativas como sala de aula invertida e aprendizagem baseada em problemas, pois como foi dialogado pelos teóricos em que defendem tais metodologias, estas fazem com que o aluno seja protagonista na busca pelo ensino aprendizagem, com o intuito de sensibilizá-los e leva-los à reflexão, além da mudança de posturas agressivas.

Os alunos que participaram das aulas até a culminância, e é preciso dizer que a participação das quatro salas do primeiro ano, foi quase unânime, devido as intempéries como ônibus e com saúde, cada qual a seu momento, o percurso contemplou a todo o público, não só os que praticam preconceito linguístico, mostrando mais uma vez que o trabalho foi importante na vida dos aprendizes.

O envolvente livro o preconceito linguístico, de Marcos Bagno, teórico respeitado na academia ao tratar do assunto, trouxe oportunidade para todos os alunos, pois este conta com sua leitura simples e acessível, foi nosso direcionador a fim de atenuar tais preconceitos. A partir do primeiro contato com o livro, que foi no estudo da capa, estes apresentaram questionamentos que contribuíram para pensarmos caminhos para o aprendizado, questionamentos como: “Por que as línguas mudam, a resposta foi apoiada em Ramos, 2011, e Costa, 2012, ao afirmar sobre as mudanças da língua”; além de: “por que estudarmos as variantes linguísticas? Para quê? E essas foram respondidas a partir da BNCC, pág. 96, que afirmava sobre a multiplicidade de pensamento e que todos devem ser respeitados por seu modo de falar e pensar.

Apoiado em Paulo Freire e na pedagogia do oprimido, conseguiram observa-se em suas práticas, equivocadas, excludentes e opressoras em sala de aula e nos espaços em que ocupavam. Sem dúvidas, o percurso estudado se alinha a Dias, Ramos, 2022, na reflexão de tais práticas até chegar à muda-las. Isso porque foram observadas a extinção as correções orais feitas por uma grande parte da turma a outros, isto se deu devido a entenderem o que Bagno aponta em preconceito linguístico que não há erros, mas variantes na forma e modos de falar. Acreditamos que apoiado em Salles e Silva, 2008, era preciso haver a problematização, isto aconteceu, a aula de Língua portuguesa foi instrumento percussor, pois ao ser observado situações excludentes e preconceituosas linguisticamente, foi preciso chamar a atenção, mostrar que o que estavam praticando era errado e preocupante e que precisávamos mudar.



O currículo de Pernambuco foi o norte para tais mudanças, já que ao trazer em sua página 96, que era preciso o corpo escolar compreender e respeitar a pluralidade das práticas sociais da linguagem, motivou-nos e formalizou o projeto: Lapbook da diversidade linguística, pois levou-nos a pensar os percursos e caminhos para o fim do preconceito e os conflitos entre certo e errado linguisticamente.

As metodologias ativas nos foi importante, pois com a mudança da sociedade bem como na escola, as aulas precisavam ganhar um novo modelo, que fosse possível atender aos desejos dos educandos, prendessem sua atenção nas aulas e os tornassem agentes do conhecimento, isso foi encontrado neste projeto, desde ir à biblioteca para familiarizá-los com os livros, puderam encontrar na biblioteca um lugar propício para a leitura. Além das rodas de debates, pescarias com frases onde eles puderam lembrar trechos e situações que envolviam as variantes linguísticas e por fim, culminar no auditório a sua pesquisa em um local criativo e que chamava a atenção, fugindo do comum Datashow.

A leitura e o estudo foram ricos, pois junto das metodologias ativas os alunos conseguiram observar seus atos e assim, acreditando que após por à luz os seus preconceitos estes mudaram, isto resulta na contribuição e importância do trabalho para o estudo das variantes linguísticas na escola bem como na academia.

**Figura 01:** Roda de conversa sobre o livro didático – preconceito linguístico, discutindo sobre sua temática, e o porquê estudaríamos.



**Fonte:** Própria (2023)

**Figura 02:** ida dos alunos à biblioteca, familiarização com o ambiente e empréstimo do livro Preconceito Linguístico, de Marcos Bagno.





**Fonte:** Própria (2023)

**Figura 03:** Partilha em grupo, da leitura e análise das págs. 11 a 13 na biblioteca, sobre a homenagem do autor aos familiares.



**Fonte:** Própria (2023)

**Figura 04:** Leitura em grupo do livro- preconceito linguístico.



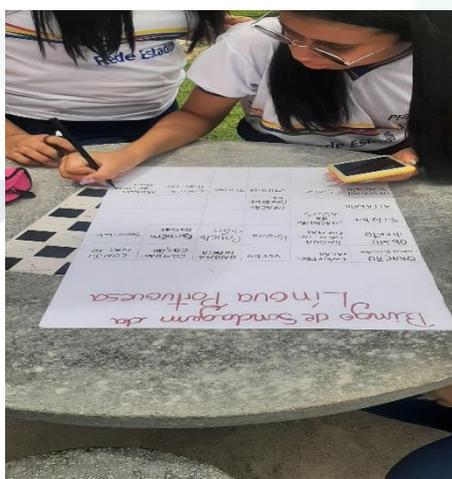
**Fonte:** Própria (2023)

**Figura 05:** Jogo didático aplicado aos alunos do 1º ano: pescaria das variações linguísticas



**Fonte:** Própria (2023)

**Figura 06:** Bingo aplicado com os alunos dos 1º anos com sobre gírias, sotaques e dialetos, servindo de revisão do assunto. Cada grupo, deveria escolher palavras relacionadas a gíria, sotaque e dialeto, classificá-las, dizer sua origem, o significado – quando necessário; foi escolhido o cartaz do grupo para servir de “globo” aquele que apresentou mais diversidades lexicais.



**Fonte:** Própria (2023)



**Figura 07:** Culminância do projeto no auditório da escola, com mural temático sobre o assunto e apresentação do lapbook.



**Fonte:** Própria (2023)

## CONCLUSÕES

O trabalho se propôs a procurar caminhos no enfrentamento da violência verbal voltada aos modos e maneiras diversas que as pessoas falam. Para isso, os percursos que foram vivenciados serviram de caminhos para tal fim. Constatamos que o estudo das variações linguísticas faz com que as pessoas reconheçam a diversidade que a língua portuguesa tem e que a partir disso não há porque existir tais ações de exclusão ou preconceito.

O percurso metodológico com ludicidade, interação e participação dos alunos como foi o caso das metodologias ativas utilizadas, trouxe uma contribuição significativa na construção do conhecimento e o aluno se sentiu protagonista no processo de ensino aprendizagem, o que mostrou-se importante e necessário no percurso do aprender.

O autor utilizado e o livro: “o preconceito linguístico” mostram-nos que apesar de escrito há mais de uma década, é auxiliar na temática por conter partes, situações e exemplos claros e comuns ao preconceito ainda vivenciado por muitas pessoas.

Acreditando na educação como libertadora, como diria Paulo Freire, e as aulas de Português como está nos documentos oficiais da BNCC, o trabalho cumpriu seu papel em buscar uma educação mais justa e igualitária para todos sem nenhum tipo de discriminação, sobretudo o linguístico.

## REFERÊNCIAS

ABREU, José Ricardo Pinto. **Contexto Atual do Ensino Médico: Metodologias Tradicionais**



**e Ativas - Necessidades Pedagógicas dos Professores e da Estrutura das Escolas.** 2009, 172f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BAGNO, Marcos **A língua de Eulália.** São Paulo: Contexto, 2014.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** 49<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Loyola, 2007. 186 p. ISBN: 85-15-01889-6. Disponível em:

<https://escrevivencia.wordpress.com/2014/03/06/preconceito-linguistico/> Acesso em: 02 Jan. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília (2018)

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. **Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem.** (Tradução Afonso Celso da Cunha Serra). 1<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016. 100 p.

DIAS, Érica; RAMOS, Marise. **A Educação e os impactos da Covid-19 nas aprendizagens escolares. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação,** Rio de Janeiro, v. 30, n. 117, p. 859-870, out. 2022. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362022004000001>

» <https://doi.org/10.1590/S0104-40362022004000001>

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FOUCAULT, Michel **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1987.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliar: respeitar primeiro, educar depois.** Porto Alegre, RS: Mediação, 2008.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação de aprendizagem: componente do ato pedagógico.** São Paulo: Cortez, 2011.

Mayring, Ph. (2002). **Einführung in die qualitative Sozialforschung [Introdução à pesquisa social qualitativa].** (5<sup>a</sup> ed.). Weinheim: Beltz.

MEIRIEU, Phelippe. **Aprender... Sim, mas como?** 7. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

MORAES, Ângela. **Contribuições da Linguística para uma didática do texto escrito.** São Paulo: ECA – Revistas USP, 2005.

**PERNAMBUCO.** Secretaria de Educação e Esportes. Currículo de Pernambuco: ensino médio. Área de Linguagens. Recife: A Secretaria, 2020. Disponível em:



[https://portal.educacao.pe.gov.br/wpcontent/uploads/2023/11/CURRICULO\\_DE\\_PERNAMBUCO\\_DO\\_ENSINO-MEDIO-2021\\_Final.pdf](https://portal.educacao.pe.gov.br/wpcontent/uploads/2023/11/CURRICULO_DE_PERNAMBUCO_DO_ENSINO-MEDIO-2021_Final.pdf). Acesso em: 26 de nov. de 2023.

PULIDO, Manuel Lázaro. **Princípios educativos de la educación occidental: la Edad Media**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 23, e230035, 2018.

<https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230035>

» <https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230035>

RIBEIRO, Luis Roberto Camargo. **A aprendizagem baseada em problemas (PBL): uma implementação na educação em engenharia na voz dos atores**. 2005. 209f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

SCHMITZ, Elieser Xisto da Silva. **Sala de Aula Invertida**. UFSM, 2016. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/09/Material-Didatico-Instrucional-Sala-de-Aula-Invertida.pdf> Acesso em 01 de novembro de 2023

